

No Congresso, o sentimento dos brasileiros: tristeza e desalento

BRASÍLIA — O Congresso viveu ontem, no primeiro dos oito dias de luto oficial pela morte do Presidente Tancredo Neves, uma manhã de entristecida calma, marcada, acima de tudo, por uma mescla de resignação, desalento e expectativa. Os sentimentos estavam estampados nos rostos dos parlamentares que, desde cedo, circulavam na Câmara e no Senado à espera da sessão extraordinária convocada pelo Presidente do Senado, José Fragelli.

Os 38 dias de sofrida agonia de Tancredo, como disse o Líder do PFL no Senado, Carlos Chiarelli, geraram uma couraça e talvez por isso as lágrimas não fossem muitas. Mas, ainda assim, Deputados e Senadores, abatidos, davam a nítida impressão de estarem desembarcando de um longo e inimagnado pesadelo, para retornar à indesejada realidade.

Inimigo político de Tancredo, o Líder do PDS no Senado, Murilo Badaró, sintetizou, melhor do que os poucos íntimos do Presidente, o sentimento experimentado pelos parlamentares desde que o falecimento do Presidente foi anunciado, na noite de domingo:

— A morte de Tancredo representa uma sensação de grande frustração, com repercussões nas áreas psicossocial e política, pois a Nação vive em torno de símbolos e divindades e o Presidente fora elevado à categoria de símbolo da transição pela vontade do povo brasileiro.

As repercussões previstas pelo Líder do PDS, no entanto, já haviam atingido o PMDB antes mesmo de o

avião presidencial deixar São Paulo com o esquife do Presidente, em episódio presenciado, em cadeia nacional, por todo o País: o Presidente do PMDB e da Câmara, Ulysses Guimarães, de pé, sem lugar para sentar, durante a curta sessão na qual o Senador José Fragelli comunicou oficialmente ao Congresso o falecimento do Presidente da República.

Um membro da Mesa do Senado, filiado ao PFL, garantiu que Fragelli foi inflexível quanto ao horário do início da sessão (10 horas), motivan-

Fragelli não permitiu que a sessão extraordinária atrasasse: queria evitar manifestações que pudessem tumultuar a efetivação de Sarney

do o atraso de Ulysses, tão-somente para desagrar-se pelo que teria considerado açodamento do Presidente do PMDB por ter feito o primeiro pronunciamento sobre a morte de Tancredo.

A presteza do Presidente do Senado, entretanto, segundo o Deputado Aírton Soares, teve um único e estratégico motivo: impedir que algum parlamentar da oposição levantasse uma questão de ordem a respeito da vacância do cargo, obrigando, assim, o Presidente em exercício José Sarney a fazer um novo juramento de posse.

— A estratégia de Fragelli foi absolutamente correta — ressaltou — já que a solução encontrada pela cúpula da Aliança Democrática, apesar de ter sido correta, tem contornos políticos.

Política, na verdade, era o teor de

todas as conversas dos congressistas, lutando para se adaptar à realidade da ausência definitiva de Tancredo e dos “teríveis desafios” que, segundo o Ministro da Desburocratização, Paulo Lustosa, “serão enfrentados pelo Presidente Sarney para a efetivação do pacto social destinado a distribuir os sacrifícios que a Nação será obrigada a fazer”.

Aparentemente sonados, como um lutador que tenta se manter em pé após um severo castigo, correligionários de Tancredo, como o Líder do PMDB no Senado, Humberto Lucena, buscavam conformar-se com o destino, repetindo, quase maquinalmente, que “difícilmente o vazio deixado por ele será preenchido, porque Tancredo Neves tinha a dimensão de um grande estadista, não sendo um homem público qualquer”.

Nem todos, porém, conseguiram manter uma aparência de serenidade. Incapaz de reprimir o pranto, o Deputado João Herculino tentava, mas não conseguia, recordar o Presidente. O Deputado João Cunha (PMDB-SP) relembrou-o, o choro engasgando as palavras:

— Com Tancredo as velhas esperanças foram retomadas, antigas certezas que pensávamos estarem perdidas foram readquiridas, pois ele fez a obra de tecer os sonhos permanentes de grande Nação.

Para o ex-Deputado Genival Tourinho, olhos marejados, olhar perdido, “o Presidente José Sarney tem, agora, a responsabilidade de cumprir as propostas de Tancredo Neves, convocando prontamente a Assembleia Nacional Constituinte para que, fora do clima de perplexidade, se construa o novo edifício nacional”.